

REFLEXÕES SOBRE O REGIONALISMO LITERÁRIO NA *PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO*

Carlos Alexandre Baumgarten

A Livraria do Globo, de Porto Alegre, depois Editora Globo, desenvolve no Rio Grande do Sul, especialmente a partir dos anos 40 do século passado, um amplo e ambicioso projeto editorial, que inclui não apenas a edição de autores locais, algo que já vinha sendo realizado desde as primeiras décadas do mesmo século, mas de escritores e obras importantes no âmbito da tradição cultural do Ocidente. Nesse sentido, são publicadas, entre outras, *A comédia humana*, de Honoré de Balzac, *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, *Aventuras de Pickwick*, de Charles Dickens, e inúmeras narrativas de romancistas expressivos, como Sinclair Lewis, Emily Brontë, Somerset Maugham, Pearl Buck e George Orwell. O exame da atuação da Editora Globo revela ainda a criação de duas grandes linhas editoriais vinculadas às chamadas Coleção Província, voltada para a divulgação de livros sobre questões sul-rio-grandenses, e a coleção Biblioteca dos Séculos, destinada à edição de pensadores, como Platão, Aristóteles, Montaigne e Nietzsche, e de poetas e prosadores estrangeiros.

É também de responsabilidade da Globo a publicação *Província de São Pedro*, revista de caráter interdisciplinar que, sob a direção de Moysés Vellinho, circulou entre os anos de 1945 e 1957. *A Província*, ao longo de seus vinte e um números, contou com a colaboração de nomes significativos no âmbito da cena intelectual brasileira. Encontram-se nesse caso autores como Paulo Rónai e Otto Maria Carpeaux, responsáveis, em momentos distintos, por uma seção de título “Letras Estrangeiras”, cujo objetivo principal era a divulgação de obras de autores europeus e norte-americanos. Ao lado deles, Guilhermino Cesar, na seção “Livros e Idéias”, encarregava-se do exame do movimento literário nacional. Paralelamente a essas colunas de cunho permanente, a revista divulgou textos de poetas como Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Raul Bopp, Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Mário Quintana, Augusto Meyer, entre tantos outros; de prosadores como Graciliano Ramos, Erico Veríssimo, Dyonélio Machado, Marques Rebelo, Ledo Ivo, Reynaldo Moura; de ensaístas como Afrânio Coutinho, Lúcia Miguel-Pereira, Carlos Dante de Moraes, Olívio Montenegro, Wilson Martins, Roger Bastide e Antonio Candido. A participação desses autores foi, sem dúvida, decisiva para que a *Província* atingisse o objetivo a que se propunha, qual seja o de não [...] *afogar-se nas águas rasas da retórica regionalista* (MAYA, 1945: 6), segundo palavras divulgadas por Moysés Vellinho no editorial de abertura do primeiro número da publicação. A despeito do propósito constante do referido edital, a revista abriu espaço para a divulgação de ensaios que, no âmbito dos estudos voltados para questões de história da literatura, ocuparam-se particularmente da reflexão em torno do sistema literário regional, numa busca pela definição e caracterização do regionalismo do Sul a partir de concepções, às vezes, bastante diversas.

A Província de São Pedro e o Regionalismo Literário

O Regionalismo literário é, no Rio Grande do Sul, objeto de reflexão teórico-crítica desde os textos publicados nas páginas da *Arcádia*¹⁶ no final dos anos 60 do século XIX, quando, sob a

¹⁶ A *Arcádia*, jornal ilustrado, literário, histórico e biográfico, de propriedade e direção do português Antônio Joaquim Dias, circulou inicialmente na cidade do Rio Grande, quando teve as suas três primeiras séries (1867-1869) publicadas. A quarta e última série (1870) foi publicada em Pelotas, para onde se transferira seu diretor. A *Arcádia* foi responsável

inspiração do ideário romântico, os primeiros críticos sulinos apontavam para a necessidade da exploração literária do espaço e do tipo humano locais como o único caminho para a consecução de uma literatura que se pretendia original e emancipada. O discurso crítico então formulado, embora tributário do nacionalismo romântico, abre caminho para a discussão em torno da criação de uma literatura fundada em motivos essencialmente regionais, como se pode depreender de afirmações como a seguinte:

Já me quer parecer que vejo um Bernardim Ribeiro a descrever a vida do gaúcho, **o ser nacional por excelência**, tão cheia de lances poetizáveis [...] **o Rio Grande que, moralmente, forma uma nação à parte**, também terá uma literatura, propriedade sua, tão sua, como seus são esses moutados que se azalecem ao sol de maio. (PAREDES, 1969: 273) (Grifos meus)

Concebidas em uma época em que o Rio Grande e seu homem ainda não haviam se constituído em motivo literário, as idéias de Glodomiro Paredes são originais e, de certo modo, antecipam o que autores como Apolinário Porto Alegre, com *O vaqueano* (1872), *Paisagens* (1875) e *Tapera* (1875), e Bernardo Taveira Júnior, com *Provincianas* (1886), realizam no campo da produção literária local nos anos imediatamente posteriores. Contudo, mais importante do que a originalidade que possa ter, é o caráter ambivalente que marca o discurso crítico que está na origem do Regionalismo, pois ao mesmo tempo em que o gaúcho é elevado à condição de símbolo da nacionalidade brasileira, o Estado é concebido como uma nação à parte e, portanto, merecedor de uma literatura que o represente e o distinga no contexto geral do País. No primeiro caso, abre-se a possibilidade para a concretização de uma literatura regionalista como mera variante do nacionalismo romântico, uma vez que a perspectiva dominante é a da integração do Rio Grande ao restante do território brasileiro; no segundo, pelo isolamento da região, estimula-se o desenvolvimento de um regionalismo de cunho separatista.

Nos anos subseqüentes, a discussão sobre o Regionalismo é praticamente abandonada pelo ensaio crítico produzido no Estado. Somente na virada do século XIX para o XX, é que ela retorna com força, especialmente através da obra de Alcides Maya. Em *Através a imprensa*, coletânea de textos divulgados originalmente em espaços jornalísticos entre 1898 e 1900, o autor de *Ruínas vivas* recoloca a questão na ordem do dia e, não obstante a influência de pressupostos oriundos do cientificismo em voga a partir da segunda metade do século XIX, conserva muitas das orientações concebidas pelo ensaio de base romântica. Esse é o caso da exaltação que faz do Rio Grande, fundada principalmente em seu passado histórico e de lutas, e do perfil que traça do gaúcho:

A psicologia **sobre todas interessante e complexa do gaúcho**, saturando o ambiente em que respiramos, de vigor anímico, de ingenuidade cavalheiresca, de fluidos de rebeldia indiana e de cruzados elementos da audácia inexcedível dos ibéricos – as duas correntes hereditárias que o dominam, disciplinadas pelo meio físico-histórico –, ativará sempre em nosso sangue [...] o princípio da combatividade. (MAYA, 1900: 2) (Grifos meus)

A afirmação do ensaísta aponta para superioridade do solo e do tipo humano sulino, uma vez que sua psicologia é *sobre todas* interessante e complexa. Além disso, a configuração psicológica do gaúcho aparece com as marcas do *vigor*, do *cavalheirismo*, da *rebeldia*, da *audácia* e da *combatividade*, características do tipo regional sul-rio-grandense concebido literariamente pelo

pela publicação do mais importante conjunto de textos produzidos no Rio Grande do Sul sob a inspiração do ideário crítico formulado no curso do Romantismo.

Regionalismo, como o comprovam os trabalhos de Lígia Chiappini Moraes Leite e Maria Eunice Moreira. Ainda que inscrita no âmbito das reflexões em torno do problema da nacionalidade da literatura brasileira, a posição assumida por Alcides Maya mantém, a exemplo da de seu antecessor, um caráter dúbio, uma vez que reafirma a diferença e a superioridade do gaúcho no contexto da Nação, pois *o mestiço mais característico da história americana é o gaúcho e que em nenhuma outra região, [...] apareceu uma figura tão soberana e de ação tão decisiva, como o monarca das coxilhas sul-rio-grandenses, das solidões pampeanas*. (MAYA, 1900: 102) Contudo, anos mais tarde, ao publicar *O Rio Grande independente*, o próprio Alcides Maya trata de refutar as teses que vêm no Regionalismo um movimento de cunho separatista, percebendo-o, então, como a contribuição do Rio Grande ao trabalho desenvolvido pelo País em busca da criação de uma literatura original e autônoma.

Idêntica posição será defendida por João Pinto da Silva, quando, em 1930, publica *A Província de São Pedro*, estabelecendo o caminho que seria predominantemente percorrido pelo ensaio e pela historiografia literária posteriores, ao afirmar:

O regionalismo literário, no Rio Grande, não é órgão, nem o foi nunca, do novo tão falado – mais falado do que real – separatismo político. Até agora, romanceando, poetizando os nossos gestos e pendores mais típicos, o que tem tido em mira é a exaltação da personalidade do Rio Grande, dentro do Brasil e sem prejuízo do Brasil. (SILVA, 1930: 113)

A contribuição mais importante de João Pinto da Silva para o estudo do Regionalismo, contudo, fora dada anos antes, quando, ao publicar a *História literária do Rio Grande do Sul*, inscreveu o tema no âmbito da historiografia literária. Dedicando o capítulo VI – "O Regionalismo, no conto, no romance e na poesia – suas primeiras manifestações" – ao exame da literatura regionalista, o historiador registra o pioneirismo de Apolinário Porto Alegre, situando-o na primeira fase do movimento, aponta sua fragilidade no campo da poesia e reconhece na obra de Alcides Maya e Simões Lopes Neto um desdobramento, já então sob novos pressupostos, do trabalho iniciado pelo autor de *O vaqueano*. Além disso, identifica as características tipológicas do Regionalismo, que, guardadas as devidas diferenças de tempo e de instrumental teórico utilizado, em muito se aproximam dos resultados alcançados por pesquisas empreendidas por estudiosos contemporâneos, já que

o nosso regionalismo é fértil em **conteurs** e paisagistas. Seus refletores focam os assuntos, parceladamente, por zonas, em episódios avulsos e fragmentários. Há situações e tipos que se repetem com frequência. Pouco diferem, de um livro a outro livro, os cenários, a **mise-en-scène**. É indisfarçável, por isso mesmo, a monotonia que, às vezes, de muitas de suas melhores páginas se evolva. (SILVA, 1924: 132)

A atualidade do juízo crítico de João Pinto da Silva revela-se inteira nessa passagem, uma vez que estudos recentes são igualmente unânimes em reconhecer o paisagismo, a supremacia do conto e a reiteração de cenários e personagens como marcas da ficção regionalista produzida no Rio Grande do Sul, no período compreendido entre 1870 e 1920.

O Regionalismo, após a síntese levada a termo por João Pinto da Silva, volta a ser objeto de exame segundo uma perspectiva historiográfica nas páginas da *Província de São Pedro*, especialmente através de três textos: "Os fundamentos econômicos do regionalismo", de Dyonélio Machado, publicado em número de setembro de 1945; "Apreciações sobre a literatura regional rio-

grandense", de José Salgado Martins, divulgado em número de dezembro de 1947, e "Condições histórico-sociais da literatura rio-grandense", de Carlos Dante de Moraes, presente no único número do ano de 1954.

Segundo Dyonélio Machado, apesar de freqüentemente estudado, o Regionalismo permanece incompreendido, uma vez que jamais foi analisado em seus fundamentos econômicos e à luz da história econômico-social que, de modo dissimulado, está na sua base. Buscando suprir tal lacuna, o ensaísta reconhece a existência de dois períodos distintos na produção regionalista: um primeiro, que denomina de clássico, abarcando as obras de Simões Lopes Neto e Alcides Maya; um segundo, que nomeia de localismo, referente às obras de Ivan Pedro de Martins e Cyro Martins.

O regionalismo clássico promove a fixação do camponês rio-grandense à moda gaúcha, isto é, heróico e fanfarrão mesmo na miséria, e é expressão de um tempo em que a guerra em defesa do território e a atividade pastoril se confundem no âmbito de um espaço ainda não demarcado definitivamente. Mais do que isso, esse espaço revela-se distante do modo de produção capitalista.

O localismo, contrapondo-se ao modelo anterior, apresenta o gaúcho como um semiproletário rural, destituído dos antigos atributos, mutilado, e anuncia a morte do *centauro*, tão forte nas representações literárias precedentes. O surgimento da figura do gaúcho a pé, – sinal evidente da mudança de orientação observada pela prosa de ficção –, deve-se, segundo o articulista, essencialmente às transformações ocorridas no campo, que vive um tempo de paz e de crescente modernização através da industrialização da pecuária.

A reflexão de Dyonélio Machado se, de um lado, aponta para a afirmação de um novo tipo de narrativa no Rio Grande do Sul – a da década de 30 –, por outro, desconsidera a produzida ao tempo do Romantismo, restringindo o alcance do Regionalismo tal como fora concebido por João Pinto da Silva. Além disso, ao estabelecer a distinção entre regionalismo e localismo, igualmente exclui a ficção de 30 do âmbito do primeiro, que fica restrito à produção ficcional das duas primeiras décadas do século XX. É interessante observar, ainda, que o Autor não menciona a obra de Darcy Azambuja, considerada pela crítica e historiografia literárias um marco importante na trajetória do Regionalismo sulino, uma vez que anunciadora da presença do Modernismo no Sul.

Divulgado dois anos mais tarde, o texto de Salgado Martins reveste-se de uma preocupação predominantemente historiográfica, cujo objetivo é a definição da trajetória empreendida pelo Regionalismo ao longo de sua história. Nesse sentido, propõe a existência de três períodos distintos: um primeiro, inaugurado por Apolinário Porto Alegre, que se caracteriza pela presença de uma concepção puramente romântica do gaúcho e em que o conto e o romance aparecem destituídos de qualquer intenção psicológica; um segundo, que, sob a influência do Naturalismo, além de focalizar a geografia do pampa, busca fixar a psicologia dos tipos humanos. E, por fim, o surgido a partir da década de 30, em que à fixação da psicologia dos tipos alia-se a reivindicação de cunho social.

Como se pode observar, Salgado Martins retoma a proposição inicial de João Pinto da Silva e a ela acrescenta a ficção de 30, como um desdobramento da vertente regionalista, cuja origem está situada no Romantismo. Entretanto, diferentemente do autor da *História literária do Rio Grande do Sul*, valoriza a obra de Alcides Maya no confronto com a de Simões Lopes Neto, formulando um juízo que em tudo se contrapõe ao estabelecido tanto pelo ensaio crítico anterior, quanto por aquele que o sucede. Assim, para Salgado Martins,

Simões Lopes Neto fez a transposição para o plano literário das cenas e dos homens do campo com a singeleza com que se desenham e reacionam na vida real. Não tentou interpretá-los. (...) Alcides Maya não era um simples copista de quadros e tipos humanos. No anseio de decifração filosófica da vida, pela intuição sutilíssima de seu engenho artístico, Alcides Maya foi muito além: em qualquer passagem de sua obra, fixando um personagem, não se limita aos efeitos pinturescos, ao contorno exterior. (MARTINS, 1945: 106)

Numa época em que a obra de Simões Lopes Neto vinha sendo resgatada pela historiografia, através da reedição de textos e publicação de inéditos nas páginas da própria *Província de São Pedro*, e sendo reconhecida como a expressão mais talentosa e universal do Regionalismo sul-riograndense, a posição de Salgado Martins mostra-se saudosista e ao mesmo tempo conservadora, do ponto de vista ideológico. O mesmo se pode dizer da avaliação que faz da narrativa de 30, na qual surpreende *uma inclinação negativista bem nítida dos nossos valores tradicionais, um desencanto ou decepção em torno do nosso passado heróico e de tudo que constituiu os velhos padrões da vida rio-grandense*. (MARTINS, 1945: 108)

O texto de Carlos Dante de Moraes, publicado já no curso da década de 50, situa-se também no campo da historiografia literária. Na abertura do ensaio, o autor estabelece o critério que observará no exame do processo literário sulino, ao afirmar que considerará escritores sul-riograndenses não apenas os nascidos no Rio Grande, mas também os que aqui se radicaram e influíram literariamente, ou ainda aqueles que escreveram obra de expressão sul-riograndense, pouco importando sua proveniência natal. A estratégia adotada pelo Autor, além de permitir a consideração de Ivan Pedro de Martins como escritor gaúcho, inobstante sua origem capixaba, revela a existência de obras de expressão rio-grandense, fato que no mínimo sugere que o Rio Grande possui uma literatura distinta da realizada no restante do País. Nessa medida, observa-se a reedição do discurso ambíguo que está na origem do pensamento desenvolvido sobre a produção de caráter regionalista.

Fiel ao critério inicialmente estabelecido, Carlos Dante de Moraes descarta a obra dos românticos, que realizaram uma literatura de imitação fácil, *sem nenhuma raiz local* (MORAES, 1954: 9), em que o gaúcho aparece como mero pretexto para a idealização romântica. Por isso, *quem abre o ciclo regionalista é o seu mais acabado, mais perfeito representante: João Simões Lopes Neto*. (MORAES, 1954: 10) A ele se associam Darcy Azambuja, na ficção, e Vargas Neto, na poesia, uma vez que o Modernismo, no entendimento do ensaísta, determinou que o Rio Grande se voltasse para o Regionalismo. Integram ainda o ciclo regionalista Alcides Maya e seus seguidores, embora tenham realizado uma obra marcada por uma nostalgia nitidamente de inspiração romântica. A partir da década de 30, contudo, pela complexidade atingida pelos processos de criação literária, não mais se pode falar em regionalismo no sentido estrito.

A perspectiva historiográfica defendida por Carlos Dante de Moraes, como se constata, restringe a abrangência do Regionalismo, se comparada à proposta original de João Pinto da Silva, à divulgada em outros ensaios da *Província de São Pedro* e mesmo à presente na historiografia contemporânea, que tendem a considerar como regionalistas tanto a obra dos românticos sulinos, quanto a que se afirmou a partir dos anos 30.

Nessa medida, o exame dos textos divulgados na *Província de São Pedro* mostra que, longe de se alcançar uma uniformidade de pensamento em torno do Regionalismo, acentuam-se as divergências no que diz respeito à definição de sua natureza e abrangência. A questão, em verdade, parece ser de natureza conceitual, já que termos como regionalismo, regional e localismo são

freqüentemente utilizados como se sinônimos fossem, ou como se as produções e períodos literários por eles nomeados se constituíssem em mero desdobramento uns dos outros. A resolução do problema reside nas respostas às seguintes perguntas que, embora freqüentes na reflexão acerca do Regionalismo, não foram ainda suficientemente elucidadas pela historiografia literária: a) O que se deve entender por Regionalismo no âmbito da produção literária sul-rio-grandense? b) Qual a abrangência do que entendemos por Regionalismo? c) Foi ou é o Regionalismo literário instrumento de separação/distinção do Rio Grande em relação ao restante do País? O equacionamento dessas questões, que ainda está por ser realizado, permitirá que se passe a navegar por águas certamente menos turvas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *A crítica literária no Rio Grande do Sul: do Romantismo ao Modernismo*. Porto Alegre: IEL/EDIPUCRS, 1997.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *Regionalismo e Modernismo*. São Paulo: Ática, 1978.

MACHADO, Dyonélio. Os fundamentos econômicos do Regionalismo. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, n. 2, set. 1945.

MARTINS, José Salgado. Apreciações sobre a literatura regional rio-grandense. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, n. 10, set./dez. 1945.

MAYA, Alcides. *Através da imprensa*. Porto Alegre: Otaviano Borba & Cia, 1900.

_____. *O Rio Grande independente*. Porto Alegre: Otaviano Borba & Cia, 1909.

MORAES, Carlos Dante de. Condições histórico-sociais da literatura rio-grandense. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, n. 19, 1954.

MOREIRA, Maria Eunice. *Regionalismo e literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia/Instituto Cultural Português, 1982.

PAREDES, Glodomiro. Poetas e poesia. *Arcádia*. Jornal ilustrado, literário, histórico e biográfico. Rio Grande, 3. Série, 1869.

SILVA, João Pinto da. *História literária do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1924.

_____. *A Província de São Pedro: interpretação da história do Rio Grande*. Porto Alegre: Globo, 1930.

VELLINHO, Moysés. Editorial. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, n. 1, jun. 1945.